

ANUÁRIO

Boletim da Seção
de Jovens da Liga de Gaia

Nº 2

FEVE REIRO de 1946

ANO III

A NEGAÇÃO
E A DÚVIDA AMES-
QUINHAM E DEPRIMEM O HO-
MEM. CRER CONSTITUE PELO
CONTRÁRIO UMA
FÔRGA

Bourgeau

CE

CE

A VIVÊNCIA

Boletim da Secção
de Jovens da Liga de E.C. de Gaia

N.º 2 — FEVEREIRO de 1946 — ANO 2



O EXEMPLO REI DUM

Estava-se em plena guerra de 1914-18, êsse flagelo horrível que à semelhança da passada conflagração mundial, absorveu milhares de preciosas vidas e a muitos países rou- tou a "flor da mocidade".

As tropas do invasor insano penetraram na Bélgica sa- queando-a e destruindo-a por completo. Reinava ali, a deso- lação e a dor. As searas estavam completamente destruídas. Milhares de pessoas lamentavam o seu infortúnio, por se verem privadas dos seus entes queridos e, numa grande maio- ria do próprio lar, dos meios necessários para a sua sub- sistência. Em cada rôsto transpareciam o sofrimento, o ter- ror e a aflição.

Num desses calamitosos dias e num dos arredores de Bruxelas brincavam alguns rapazinhos, quando ouviram ao longe o costumeado toque das Trindades, como que incitando os crentes à oração da noite. No mesmo instante todos se calaram e descobriram-se com respeito. Então espontânea- mente e com muito fervor começaram a recitar o "Pai Nosso". Quando chegaram às palavras... "perdôa-nos, Senhor, as nos- sas dívidas", levados pelo mesmo pensamento calaram-se. Olharam em redor e viram um montão de ruínas, os seus la- res estavam destruídos. Como poderiam esquecer-se e per- doar aqueles que lhes proporcionavam tanto mal? E sendo assim, pensaram, talvez fôsse melhor não continuar a ora- ção. Estavam pois bastante indecisos e sem saber o que de- veriam fazer, quando por detrás deles, uma voz forte e vi- gorosa continuou, - "Assim como nós perdôamos aos nossos devedores". Assustados terminaram a oração. Voltaram-se cheios de curiosidade e viram então, o seu querido Rei, Alberto I.

"

" "

O exemplo dêste Soberano, recorda-nos o exemplo de outro grande Rei - Cristo, o Soberano das nossas vidas.

O Rei Alberto incitando os pequeninos belgas a conce- der o perdão aos seus inimigos, não fez mais do que imi- tar o sublime e misericordioso exemplo de Jesus, quando

momentos antes de render o espírito na Cruz, exclamou: Pai, perdôa-lhes, porque não sabem o que fazem.

Felícia N. Fiandor Santos



Tinha feito a aranha louca a sua artística teia entre dois ran- cos víciosos. Por baixo, crepitan- te e viva, uma fogueira ateadada er- guia para o ar as rútilas chamas, que a brisa suave da tarde fazia tremeluzir numas oscilações té- nues e indistintas, por entre as quais subia um fiinho de fumo, azul, quase branco.

Orgulhou-se da sua obra. E enlouquecida pelo entusi- asmo, considerou como devia ser grande, para fazer aquilo que fez. Numa simetria quasi perfeita, os fios da teia di- vergiam do centro num rendado meúdo e apertado, para os su- portes laterais. Como ela era sábia e inteligente!

Então, numa manifestação mórbida do seu regosijo in- terno, lançou-se à sua obra e começou a quebrar um a um os fios que a seguravam.

Corria frenética em tôrno da teia. Do centro à peri- feria, desta para aquele. E de vez em quando quebrava ou- tro fio. Um, dois, quasi todos. Mesmo assim, a solidez dos outros, que achava inabaláveis, garantir-lhe-iam seguran- çá.

Estava no último. O trabalho de longas horas, ela pró- pria, pendiam agora por uma unica fiada de baba, prestes a rebentar.

Parecendo medir o perigo, fugiu para o centro. Aí, co- mo se voltasse à realidade, quiz remediar o que fizera. Rê- forçar aquele fio, lançar outro talvez, mas era tarde.

Ele quebrara também. E a teia com a aranha foram pre- cipitadas na fogueira que em baixo ardia, agora com mais

uma enxerga esburacada e dura dorme profundamente uma criança de aspecto miserável.

Dorme e sonha.

Sonha que se encontra num magnífico palácio, diante duma mesa coberta das mais finas

iguarias.

Depois de ter comido — continua o sonho — levam-na para uma cama fofa e quente onde se deita e... Pronto, acordou e surge a realidade.

Desfaz-se o encanto.

O frio penetra de novo as carniças, a fome tira outra vez.

A criança fica desapontada por não ser verdade aquilo que sonhara e sente-se agora mais infeliz e desamparada do que até aí.

Isto mesmo dá-se tantas vezes connosco! Muitas vezes mesmo acordados, temos sonhos bellos, magníficos.

A nossa imaginação cavalga incessantemente e à nossa mente apresentam-se cenas que nos deixam encantados.

Mas quasi sempre, após um pouco de devaneio, há qual quer coisa que nos faz baixar de tão altas regiões até à terra.

Então sentimo-nos acorrecidos. Depois de tão doce sonho, apresenta-se-nos a realidade e bem dura por vezes.

Que fazer? Deixar de sonhar é muitas vezes impossível e portanto o que nos resta é não fazer caso do que a nossa imaginação se apraz fazer-nos conceber.

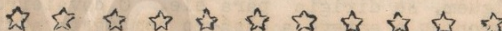
Contentemo-nos com o que temos e não queiramos as coisas impossíveis que a nossa fantasia architecta, compreendendo que se o Senhor no-las não concede é porque são absurdas e Ele entende que não nos convêm.

Maria Rosa Moura

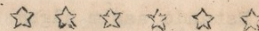
A VIDA... O MAR...

- ☆ A cada passo, a todos os instantes Temos necessidade de lutar.
- ☆ Vencer, vencer e não desanimar. Nesses momentos tam alucinantes.
- ☆ Esta vida afinal é como o mar! A calma e a agitação são semelhantes, Há de-repente vagas crepitantes, E ouve-se perto o vento assobiar.
- ☆ A vida tem as suas tempestades! Mas removámos as dificuldades Com coragem medonha e brio até...
- ☆ Resistámos assim alegremente, P'ra que Jesus não diga novamente: "Porque temeis homens de pouca fé?"

Joaquim Teles F. Gomes

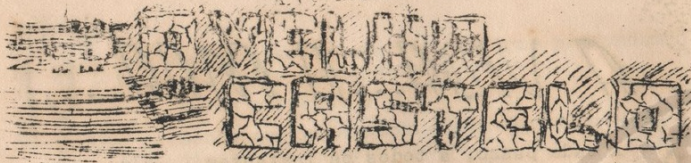


derístico



- ☆ J urar amor a tudo que é verdade;
- ☆ U m bom conselho ouvir com atenção;
- ☆ V encendo o mal lutar pela liberdade;
- ☆ E rguer bem alto o nome de Jesus;
- ☆ N unca esquecer por que El' morreu na cruz;
- ☆ T udo encarar provindo lá dos Céus;
- ☆ U ma pena até uma atribulação,
- ☆ D eve fazer quem quer servir a Deus;
- ☆ E dizer com verdade qu' é Crsitão.

José Manuel



Perdido num vale profundo, estava um castelo, meio ar
ruinado, pelos anos que tinha.

Rodeavam-no árvores, que nasceram ali por acaso, numa
natureza selvagem sem mão humana que as guiasse. Há quan-
to tempo êle existia não tinha conta.

Por detrás da colina que o rodeava, existia uma al-
deia, mas os habitantes dela não se sabe porque estranha
superstição, não sequer o queriam ver.

Enfim, o castelo estava só, sem ninguém se importar
com êle. É certo que durante muitos anos também tivera gen-
te reunida nos seus salões sumptuosos e assistira a gran-
des festas, e cavalgadas, por isso, já velho e cansado es-
tava ali à espera, que o tempo acabasse de o deitar a-bai-
xo. Estava êle nestas divagações, quando viu a descer a cô-
lina uma nuvem de poeira, e que parecia um cavaleiro ao
seu encontro. A princípio não acreditou, mas olhando bem
descobriu que alguém, se dirigia para êle. O cavaleiro
aproximou-se, desmontou e esteve a olhá-lo com certa admi-
ração. Em seguida, amarrou o cavalo a uma árvore, e sen-
tou-se a descansar.

Estando assim algum tempo, levantou-se e tirou da ce-
la um cavalete, que ao castelo mais parecia, uma lousa, com
que êle vira as mães ensinarem os filhos dos seus donos.

Tirou em seguida uma tela, e uns pinóéis compridos, e
um cartão com umas rodelazinhas de muitas côres que o cas-
telo viu admirado.

Pegou num banquinho desmontável que também trazia, e
sentou-se.

Em seguida começou a pintar, as ruínas do castelo, que
ao ver aquilo não pôde deixar de pensar aborrecido: - Quan-
do eu era novo e bonito, com os fossos cheios de água cris-
talina, as árvores que me rodeavam bem tratadas, a ponte

levadiça com lacaos e o brazão na fachada da porta, nin-
guém me pintou e admirou, mas agora que estou velho e feio
com os fossos secos e atulhados de plantas selvagens, se a
ponte levadiça, esburacado e corroído pelos anos, agora é
que me admiram e me pintam. Mas o moço que o pintava não
pensava da mesma forma, pois estava a lembrar-se do suco
so que ia causar a sua tela, quando a apresentasse em ex-
posição.

José Alberto Lucas

* ANALOGIAS *

(Cont. da pág. 19)

vida. Um instante, um fôlego ou ainda menos, para da pobre
aranha só restarem as cinzas.

" "

" "

É louca como ela a Humanidade.

Durante séculos, milênios seguidos, mercê de esforço
hercúleo, armou a sua teia. Orgulhosa porê, vangloriou-se
da sua obra que achou firme e inabalável.

E inconscientemente, levada por instintos ainda in-
qualificáveis, começou a destruir-se.

Os golpes profundos têm-se sucedido. Embora lentos,
contribuem no entanto para a velhice decrépita da Humani-
dade enferma.

Uma e outra guerra, são tantos fios de suporte reben-
tados, cuja rotura será difícil de remediar. Num dia futu-
ro, o único elo, já de si insuficiente para sustentar a
Humanidade má, se quebrará também.

Então "nêsse dia virão as suas pragas, a morte, o pran-
to e a fome, e ela será abrasada em fôgo". (Apocalipse cap.
18, vers. 8).

A vasta teia do Mundo ainda estará segura para muito
tempo? Os seus suportes serão capazes de aguentar mais goi-
pes, ou já estão frágeis e perto do fim?

Entretanto a fogueira apocalítica mantem-se em bai-
xe cada vez mais viva e atuada. As suas chamas erguem-se
no espaço, como rútilas línguas que aguardam ansiosas.

